



## PODER E IDEOLOGIA EM CERÂMICA, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Edmilson Moreira Rodrigues<sup>1</sup>

Lucélio Silva de Barros<sup>2</sup>

Alana Oliveira de Sousa<sup>3</sup>

Nayna de Sousa Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho faz diversas interpretações, pelo viés da teoria política e literária, de Cerâmica, de Drummond com múltiplas dimensões de sentidos ideológicos – “ideologia é mais uma questão de “discurso” que de “linguagem”. Eagleton, (1997, 22). Ilustra Lowy (1985, 14), – “Não existem idéias, princípios, categorias, entidades absolutas, estabelecidas de uma vez por todas”. Tudo o que existe na vida humana é social e está em perpétua transformação. O modo de produção dos documentos literários revelam um lado do desenvolvimento da vida social, plagiando Marx (2003).

**Palavras-chave:** lideologia, literatura, produção.

**ABSTRACT:** This present work makes several interpretations, the via of the literary and political theory, Ceramics, Carlos Drummond de Andrade with multiple dimensions of meanings and ideological - "Ideology is more a question of "speech" that "language". Eagleton (1997, 22) "Do not there are ideas, principles, categories, absolute entities, established once and for all". Everything that exists in human life is social and is in perpetual transformation. The mode of production of the documents of literary shows an face of development of social life, plagiarizing Marx (2003).

**Key words:** Ideology, literary and production

<sup>1</sup> Mestre. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: ed1000mr@ufma.com.br

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



## 1 MEU PRIMEIRO ALUMBRAMENTO

*A vitória das idéias é a vitória dos portadores materiais das idéias.*  
Brecht

Por entendermos que a literatura faz parte do social e que sem o entendimento das questões sociais e suas relações de força é impossível entender muitas das metáforas dos textos poéticos, concordamos com Candido (1997, 69) que “Certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser melhor compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. Contexto que leva em consideração não só o autor e o texto, mas principalmente, o leitor proficiente, ser que amplia os sentidos do texto, para além das simples figuras de linguagens ou de estilo.

Ainda que, em certos casos, sem distanciamento de valores idiossincráticos, tanto do leitor quanto do autor, é necessário, também, compreender que “Quanto mais nos afastamos da rica interioridade da vida pessoal, da qual a literatura é o exemplo supremo, mais descolorida, mecânica e impessoal se torna a existência” como giza Eagleton, (2003, 297).

E refletindo com Polanyi (2008, 177) “[...] existe a surpreendente diversidade dos assuntos em relação aos quais a ação se fez sentir”. Faz, diríamos, neste texto, sentir uma combinação de elementos prévios a uma possível leitura mais profunda do texto Cerâmica, de Carlos Drummond de Andrade; quais sejam – elementos da Política, da Economia, da Arte e da Literatura, das ciências sociais e humanas, enfim.

Outro dado importante a revelar é como os documentos literários, melhor, o modo de produção dos documentos literários, revelam um lado do desenvolvimento da vida social, plagiando Marx (2003).

Tal análise de pensamento entre o ser social e o modo de produção do ser Drummond, encontramos – via texto Cerâmica – no escritor produzindo em sociedade, determinando uma consciência para além da literatura: uma consciência social determinada: Carlos Drummond de Andrade, poeta nascido em Itabira do Mato Dentro, lembra das posses da família Drummond de Andrade através de um objeto determinado:

### CERÂMICA

**“Os cacos da vida colados formam uma estranha xícara,  
Sem uso ela nos espia do aparador”**



Eis a fortuna literária deste trabalho, sob a ótica da dialética quando nos diz da mediação e da contradição entre objetos e seres. O objeto é o texto literário e o que dele revela como propriedade e posse da família Drummond de Andrade – xícara e aparador.

Objeto material de ostentação da sociedade burguesa do século XIX, bem como de consumo dela mesma: aparador. São objetos ideologicamente umedecidos de imaginários sociais determinados pela contradição do ter que apresenta o ser: A família que fora rica, segundo informes do autor, hoje se encontra sem posses, restando a ela apenas a imagem de uma miuçalha que os acompanhou naquele momento áureo da sociedade mineira detentora de poderes, é o que depreendemos do poema, nos espaços deixados no interior da linguagem<sup>5</sup>.

Aqui o texto é desmontado, fragmentado e dialógico na busca de interpretações possíveis. Posto que esta é apenas uma análise, das muitas formas do fenômeno que se apresenta pela voragem do nosso olhar. Pois NELLY (1974, 150) aduz, “(...) ainda que, na fase da análise, quebramos a beleza do texto, pois o retalhamos, o desmontamos; porém, que, no final, quando reajuntarmos as partes e voltarmos a ter o todo, este se apresentará em toda a sua plenitude, significação e beleza”. É o que almejamos com esta análise, refletida pela nossa leitura, rico manancial cultural de compreensão do homem e sua condição.

**2 PODER E POSSE:** o que não tenho e desejo/ é que melhor me enriquece

É inegável que, segundo Antonio Candido, “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão.””. Candido, (1985,139).

O assomo é de produção, de visão do poeta, e constitui o universo do social, revelando o lado e o estado de ser do próprio produtor do texto, quase sempre relativo ao sentimento amoroso e de pertença à terra.

Porém, aqui é pessoal, no sentido que revela o estado de ânimo do autor diante das perdas que as mediações ofereceram. Desse modo, o texto denota outro lado do fazer literário, a denúncia do social singular, que o ultrapassa no plural, posto tratar da

<sup>5</sup> Para Júlia Kristeva, “O significado poético simultaneamente remete e não remete a um referente; ele existe e não existe, é, ao mesmo tempo, um ser e um “não-ser”. Pela lógica do discurso comum, parece designar o *real*; mas, pela intromissão de semas particulares no discurso literário, essa lógica se vê negada, operando-se um desvio, uma figura, entre o significante e o significado, criando-se um espaço no interior da linguagem, espaço que o leitor se esforçará por preencher se deseja contemplar mais largamente os horizontes da poesia.” (TELES, Gilberto Mendonça. A retórica do silêncio. Rio de Janeiro: Cultrix/MEC, 1979, 301)



intratextualidade do autor, revelando sua condição social, sua posição na sociedade, o lado consumidor das famílias de um momento histórico determinado. “A produção determina a proporção (a quantidade) de produtos que cabem ao indivíduo;” Marx, (2003, p. 233). Ou visto de outro ângulo, o lado afetivo da família que partilhava produtos em momentos afetuosos de convivência social em xícaras ornadas e trazidas, preferencialmente, doutra nação, para servir: chá, chocolate, café... O assomo é ainda, a intuição do ser poeta que perde ao mundo a posse e o poder de ser do fazendeiro daquela época: “Os cacos da vida colados [...]”.

Lendo-o temos quase a historiografia social – num ritmo de linguagem<sup>6</sup> comovente – dos Drummond de Andrade, numa época socialmente determinada, que nos faz lembrar, pela descrição textual, de quem não conhecemos, só nos aproximamos dele e da sociedade mineira, pelas pistas linguísticas colhidas do papel de circunstâncias. **Ouvivemos**, deste modo, o que disse Ecléa Bosi na obra *Quotidiano e poder*.

“[...] vamo-nos sentar à beira do poço, erguer do chão um caco de louça esquecido, esperar... no terreno agreste, quem sabe ouvir uma bulha de passos que volta, a roupa batendo na tábua, a colher no tacho, um lamento, uma canção talvez...” (Bosi in Maria Odila Leite da Silva Dias, 1995, 08)

Drummond, com o texto em cotejo, revela não só sua família, mas uma condição social: o poder suscita reflexões sobre o alcance da história; ou, doutra forma, a história suscita reflexões sobre o poder. Assim, Drummond revela o poder dos coronéis, senhores da política e os fazendeiros donos da força de trabalho e dos meios de produção. via elemento simbólico – mercadoria, parte do silogismo-modelo de Marx, a produção constituindo o geral: a sociedade consumidora de um bem particularizado pelo fetiche do poder de ter.

“Produção, distribuição, troca, consumo formam assim um silogismo-modelo; a produção constitui o geral, a distribuição e a troca, o particular, o consumo, o singular para o qual tende o conjunto”. Marx, (2003, 233)

O esforço de pensamento, também estranhos – “sem uso”, emana da imagem que o poeta carrega nos seus textos ao retratar a vida dos parentes, numa tentativa de delongá-los, estendendo-os, ao máximo, na memória: “a sombra de meu pai tomou-me pela

---

<sup>6</sup> Vale acrescentar sobre o poeta Drummond o que falou Bandeira (1954, 30) acerca do poeta Mallarmé “a sua técnica é uma orquestração de linguagem”. Afirmando – não é com ideias que ele faz poesia, mas com palavras, vívidas, colhidas do social.



mão” (CDA), apresentando as posses da família: “o couro de anta estendido no sofá da sala de visitas” (CDA), lembrando a derrocada “hoje sou funcionário público./ Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói” (CDA).

Tais confidências nos revelam que o poeta, detentor de posses no passado, hoje se recorda pelo poder da imagem que evoca a xícara, estranha, que não serve mais ao objetivo para o qual foi produzida, entrando assim num encadeamento de sentidos e significados contraditórios da produção, circulação e consumo: descartabilidade. Não faz parte, a xícara, do poder de troca do capitalismo, mostrando a contradição interna que torna o homem um ser amorfo diante do Leviatã capital, criando outras contradições inerentes ao capitalismo<sup>7</sup>;

### 3 IDEOLOGIA E IMAGEM: o ser das coisas determinando a consciência

Todo poeta é um tanto visionário e Drummond não deixa por menos, num outro ramo da árvore de análise, podíamos encontrá-lo falando do homem inserido no tempo. “Este é tempo de partido,/ tempo de homens partidos.” Os homens partidos, no sentido do verbo, bem como na divisão matemática... Os seres alijados pelo capital que biparte homem e tempo, num silogismo básico: O homem é fruto do tempo. E o tempo só existe com o homem; logo, tempo e homem se completam. Dai o título do texto do excerto acima **Nosso Tempo**; hoje, amanhã e sempre, como na metáfora do tempo nos contos de fadas, lembrando Bruno Betheilm, na Psicanálise dos Contos de Fadas, que nos induz ao despertar da leitura traçando um valor ideológico do interesse. Mannheim (1986, 217) esclarece que,

[...] a concepção particular da ideologia opera principalmente com uma psicologia de interesses, enquanto a concepção total utiliza uma análise funcional mais formal, sem quaisquer referências a motivações, confinando-se a uma descrição objetiva das diferenças estruturais das mentes operando em contextos sociais diferentes.

A literatura ideologizando o homem fragmentado pela sociedade de consumo, observado no mesmo texto, “Este é tempo de divisas,/ tempo de gente cortada.” (CDA).

Carlos Drummond nos adverte para a condição de ser social resultante de um processo histórico determinado pelas circunstâncias sociais: são novas existências e exigências da sociedade, pois ela, a mercadoria, objeto de uso: aparador e xícara é parte da

<sup>7</sup> Ver István Mészáros. O poder da ideologia, São Paulo, Boitempo: 2004, página, 297.



história social, melhor, da história humana, visto que é o homem quem as faz e as usa; assim: “Na medida em que o homem é uma criatura primariamente vivendo na história e na sociedade, a “existência” que o cerca jamais constitui uma “existência em si”, mas é sempre uma forma histórica e concreta de existência social”. Mannheim, (1986, 217).

Karl Marx (1818 – 1883) foi quem mais criticou a ordem capitalista. E o fez com muita intuição e perspicácia analisando a alma do sistema ao categorizar que a miséria de muitos, é produzida pela riqueza de poucos. Na sua análise mostra que a discussão primeira da economia deve ser sobre a *mais-valia* e não o bem estar de todos.

As idéias da classe dominante são também as idéias predominantes em cada época, ou seja, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é também a força *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe ao mesmo tempo dos meios de produção intelectual, de modo que, por essa razão, as idéias daqueles que não dispõem dos meios de produção intelectual ficam sujeitos à classe dominante. Marx (2001, 45)

O sentido de dominação, próprio da subjetividade moderna e que surge nos conflitos de classe, mostra que a ideologia é expressão da vontade de hegemonia ou de mando, fenômeno moderno que corrompe o tecido social.

Retomando Marx (2001) temos o esclarecimento de tal assertiva.

Cada nova classe que toma o lugar daquela que dominava antes dela é compelida, para alcançar sua finalidade, a representar seu interesse como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade, ou, para usar uma formulação no plano das idéias, essa classe é obrigada a dar às suas idéias formas de universalidade, a representá-las como sendo as únicas razoáveis, as únicas universalmente válidas. Marx (2001, 46).

Não devemos esquecer que as ideologias podem ser mais ou menos consolidadas, visto que expressam ideias, critérios, símbolos, atitudes de indivíduos ou de grupos sociais, Desse modo, a imagem que emana de Cerâmica, é toda carregada de ideologia, a começar pelo título: Cerâmica diz da relação do homem com a natureza e com o trabalho. Na contra mão da história, (cerâmica, objeto feito de barro), cozinhar em panelas de barro, é confirmar um bom gosto, o refinado, o diferente, o artesanal: panela de barro, ante o industrial: panela de alumínio. Um dia, panela de cobre, na casa grande, e de barro nas senzalas. O que os excluiu pela necessidade, os exclui pelo refinamento na atualidade.

Pensando o texto drummondiano, o homem transforma a natureza em objetos úteis. A natureza doa ao homem, neste caso, muito particular, bem como em toda relação de expropriação, a matéria prima: a argila, a sílica para transformar em porcelana.



Numa relação imagística, ela é denunciadora partícipe da destruição dos Drummond de Andrade, como querendo dizer que ela os olha, ela os avalia, ela os coisifica perante esta sociedade, recortando-os daquela sociedade na qual eles tinham poder e posse, conquanto hoje são objetos de decoração para ela, a xícara – “(...) ela nos espia do aparador”.

Tudo dito pela xícara que ganhou teor de personagem e se transforma em confidente. O verdadeiro desdobramento do herói, a xícara, o *alter ego* dos Drummond de Andrade, aquele que deixa cair as fraquezas, as mazelas, o que confessa o inconfessável. Ela é pretexto do texto maior que aflora na sua significância topofílica – a bancarrota dos Drummond de Andrade.

Não esqueçamos que o confidente é um personagem íntimo, aquele que doa o aparte – o inefável: todos foram destruídos, menos ela. Apontando a divergência dos seres – âniã. A xícara demonstra a temporalidade pelos cacos, colados; o homem, pelas rugas, adquiridas. E neste caso, profundas.

A comunhão de meios expressivos é a imagem e a metáfora do silêncio, posta pela economia da linguagem do autor: **“Os cacos da vida colados formam uma estranha xícara,/ Sem uso ela nos espia do aparador”**.

O que era útil é, agora, objeto de ornamentação.

Os homens de um lugar e de um momento: os primeiros determinados por uma condição histórico-social atravessaram séculos de crise e de guerras, mas, trouxeram, das suas revoluções, lembranças.

Se fora no romance, diríamos que Drummond construiu seu imaginário, no “fluxo da consciência” do ser mineiro. Fragmentário de uma época e de uma história social, o poeta se converte em romancista; porém, o poema, por ser síntese da própria história dos Drummond de Andrade, é também parte da sociedade brasileira, coisa que fez tão bem Drummond em outros poemas traduzindo com ideias, imagens e mensagens, um mundo todo particular – singular – do poeta que se pluraliza no ser leitor, cúmplice semiconscente da história e da vida latente nas pévides da literatura, refletindo a sociedade brasileira.

#### **4 CONCLUSÃO:** Depois (tempos mais amenos)

Como observamos, a literatura está visceralmente relacionada com as situações existenciais do homem, e que tal modo de pensar transforma homem e sociedade, e mesmo não sendo ela – a literatura – cópia do social, ela a representa ou a redimensiona. Tal



trabalho defendeu a ideia de que a obra literária está inserida no modo de produção, e, como tal, é uma mercadoria, que por si só faz parte de toda cadeia do social. Pois tudo o que existe na vida humana e social está em perpétua transformação, tudo é perecível, tudo está sujeito ao fluxo da história.

## REFERENCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A mesa*. Niterói, Hipocampo, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Nova Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, INL, MEC, 1983
- \_\_\_\_\_. *Drummond frente e verso: fotobiografia*. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1989.
- BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao pensar – o Ser, o Conhecimento, a Linguagem*. Rio de Janeiro, Vozes: 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1985. Caldas 1997.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo: Brasiliense, 1995
- EAGLETON, Terry, Zizek Slavoj. *Mapa da ideologia*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- LOWY, Michael. *Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista*. São Paulo, Cortez, 1985.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*, Rio de Janeiro. Guanabara: 1986
- MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MÉSZÁROS, István. *O Poder da Ideologia*. Boitempo Editorial. São Paulo, 2004.
- NELLY, Novaes Coelho, *O ensino da literatura*, Quíron: São Paulo, 1974.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação – as origens da nossa época*, Campus editora; Rio de Janeiro.
- TELLES, Gilberto Mendonça. *A retórica do silêncio*. Rio de Janeiro: Cultrix/MEC, 1979.